

“ENTREGO MEU PEITO À BALA, MAS NÃO ENTREGO O IPU AO MADUREIRA”. COMUNISTAS E RELIGIOSOS NOS ESPAÇOS DO TRABALHO EM IPU-CE. (1935-1946).¹

Francisco Petrônio Peres Lima²
Carlos Augusto Pereira dos Santos³

RESUMO:

Dentre as ações da chamada Ação Católica no Ceará, a criação dos Círculos Operários talvez foi a mais eficaz e duradoura das entidades e associações pias no combate ao comunismo. Neste sentido, o presente artigo tenta compreender a atuação de religiosos e comerciantes na fundação deste tipo de associação na cidade de Ipu-CE, não somente com o objetivo de combater o “perigo vermelho”, mas, a tentativa de controlar e disciplinar os trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVES: Círculo Operário. Catolicismo. Controle Social. Comunismo.

ABSTRACT:

Among the actions of the so-called Catholic Action in Ceará, the establishment of the Rings Operários perhaps was the most effective and durable sink of entities and associations in the fight against communism. Accordingly, this article tries to understand the role of religious and traders in the foundation of this type of association in the city of Ipu - Ceará, not only with the objective of combating the "red danger", but the attempt to control and discipline the workers.

KEY WORDS: Workers Circle. Catholicism. Social Control. Communism.

INTRODUÇÃO.

“A sociedade do trabalho é a grande utopia criada no século XVI, e que alcançará a sua realização plena no século XVIII. O espetáculo do disciplinamento social se deu por meio de diferentes

¹ Artigo apresentado no *I Seminário Memória, Identidade e Cidade*. Ipu-CE. 16 a 20 de fevereiro de 2009. A frase aspeada é atribuída à Padre Cauby, coadjutor da paróquia de Ipu na época, recuperada em depoimento oral da Sra. Antonia Alves Soares, 78 anos, aposentada, entrevistada por Francisco Petrônio Peres Lima em 10/12/2007.

² Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Ipu-CE.

³ Professor de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Sobral-CE.

*formas institucionais (fábricas, prisões, hospitais, fábricas-prisões, fábricas-conventos). A partir desse momento o trabalho será percebido como algo grandioso”.*⁴

Em 1894, o trem chega a Ipu trazendo além dos caminhos de ferro, o imaginário do progresso aliado ao discurso de combate à ociosidade, alertando os ipuenses para a “obrigação ao trabalho”. Ao associar “o sibilo da locomotiva” com o som que deve despertar os homens da letargia, o Dr. Antonio Ibiapina faz o alerta para dizer que o trabalho é a condição para se viver condignamente.⁵ Em meados de julho de 1899 é fundada em Paris a II Internacional Socialista. Em novembro do mesmo ano, no Brasil é proclamada a República.

Os embates no mundo do trabalho que se registrariam após a virada do século vão mais além do que a redução da jornada de trabalho dos mineiros franceses para nove horas. Nos Estados Unidos, Roosevelt inaugura a doutrina do *Big Stick* justificando as ações de intervenção nos países americanos. A Revolta da Vacina em novembro de 1904 no Rio de Janeiro, expõe muito mais do que uma recusa dos cidadãos em vacinar-se contra a febre amarela. A rebelião carioca surge num contexto de reformulação urbana da capital do país, amparada pelo discurso médico de disciplinamento não só de corpos, mas também de mentes.

As tentativas de disciplinamento não ocorrem somente nos grandes centros do país. De alguma forma, os ecos desse cenário nacional e internacional chegam aos mais distantes lugares do *hinterland* brasileiro. Para o que queremos discutir aqui, acreditamos que as várias ações e revoltas que aconteceram nas primeiras décadas do século XX, são como um alicerce, não no sentido de uma relação de causa e efeito, para analisarmos e compreendermos a presença de comunistas nos espaços do trabalho, especificamente na então Zona Norte no Estado do Ceará.

⁴ SOUSA, Jesse Jane Vieira de. *Círculos Operários*. A igreja Católica e o mundo do trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p.19-20.

⁵ Discurso do Dr. Antonio Ibiapina por ocasião da inauguração da Estação Ferroviária do Ipu em 1894. In: LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Disciplina, reação e ordenamento na cidade “sagrada”*: catolicismo e anticomunismo nos espaços de memória em Ipu-CE. (1935-1946). Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE. 2008, p.60.

Deste modo, a Revolta da Chibata em 1910 como a denunciar a exploração e os castigos sofridos pelos marinheiros; as greves operárias de São Paulo e a Revolução Russa em 1917; a Semana de Arte Moderna e a fundação do PCB em 1922 no Brasil, em 1927 no Ceará e 1928 em Camocim; a Coluna Prestes varando o Brasil e deixando marcas de sua passagem por Ipu, são eventos que contribuirão para pensarmos uma presença de ideologias opostas no mundo do trabalho.

Vários estudos dos historiadores locais já retrataram a cidade de Ipu procurando imprimir uma escrita desvinculada dos grandes formatos que primaram pela heroificação dos fundadores, de uma produção historiográfica que tende a harmonizar a cidade reificando-a nos mitos e fatos; enfim, de uma tradição que, apesar de ter seu peso e relevância, não dá conta da riqueza histórica do cotidiano e das pessoas extraordinárias e comuns.⁶ Neste sentido, essa produção mais recente e de feição acadêmica vem buscando trilhar outros caminhos e atalhos, procurando inserir outros atores e questões. A própria gestação de um seminário deste porte e com esses objetivos são ações que buscam outros olhares sobre o passado identitário ora presentificado.

Os espaços do trabalho, nesta perspectiva, vão se constituindo com o tempo e, principalmente em tempos de crise, mostrando-nos os conflitos gerados em seu interior e exterior, revelando-nos os embates das ações humanas em seu cotidiano, que de resto, é a própria historicidade se construindo diariamente. Ora é a produção algodoeira que emerge para fazer face á demanda da guerra, ora é a necessidade de construir campos de concentração em tempos de seca. Em todos esses momentos, estes espaços vão se fazendo e refazendo, a mostrar as várias cidades que se erguem com seus habitantes. Estas várias cidades percebidas nos estudos de história confirma aquilo que Lewis

⁶ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Disciplina, reação e ordenamento na cidade "sagrada": catolicismo e anticomunismo nos espaços de memória em Ipu-CE. (1935-1946)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2008; ARAÚJO, Raimundo Alves de. *Ipu: a seca e o progresso (1915-1932)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2007; ARAÚJO, Reginaldo Alves de. *A Cidade e o Discurso Modernizador. (1944-1963)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2007. BARROS, Antonio Iramar Miranda. *A Formação do Cabaré ipuense e o controle social das meretrizes do Ipu. A luta do "bem contra o mal" numa sociedade dita moderna. (1920-1930)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2007; FILHO, Antonio Vitorino. *O Trem e a Cidade: as transformações urbanas em Ipu. (1894-1935)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2007; LIMA, Jorge Luiz Ferreira. *Livros, homens, uma cidade: uma discussão sobre o Gabinete de Leitura Ipuense. (1886-1919)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2007.

Munford definiu como sendo a cidade a responsável pela complexificação das relações humanas sempre a gerar novos tipos sociais.⁷

A chegada da ferrovia, neste aspecto, produzirá alterações nos espaços do trabalho, trazendo não somente a possibilidade de se comerciar melhor, de dar fluxo à “produção agro-pastoril do sertão centro-norte e da Serra da Ibiapaba, conectados ao porto de Camocim”, como nos diz o historiador ipuense Raimundo Alves de Araújo.⁸ Os trilhos da ferrovia possibilitaram a criação de periferias, de espaços estigmatizados e socialmente controlados, dividindo e reforçando a diferença social dos que ficam do “outro lado da linha”.

Perceber então estes conflitos e a presença de comunistas nestes espaços, é mergulhar no universo onde se forjam estas relações com o trabalho. A própria construção da Estrada de Ferro de Sobral, que chega em Ipu em 1894, é fruto de uma ação governamental que visa *a priori* socorrer os flagelados cearenses da seca de 1877/79, no combate à fome e ociosidade. É sobre este discurso, portanto, que se justifica o empreendimento ferroviário que mudaria sobremaneira a dinâmica econômico-social da região. A mensagem do Conselho de Estado ao imperador Pedro II traz em seu bojo esta inclinação:

[Seria preciso ao governo] Tirar vantagem da própria desgraça [empregando] em trabalhos úteis tantos braços ociosos (...)[Decisão em que] os ministros de Vossa Magestade Imperial não hesitaram em preferir o da construção de estradas de ferro, que partindo de um porto navegável se prolonguem pelo interior, na direção de cidades e villas já fundadas e dos centros produtores [...]. [...] seguindo do porto de Camocim (...) contornando a serra da Meruoca, termine em Sobral, donde mais tarde se prolongará acompanhando a serra geral em direção ao Piauy.(...)⁹

Com efeito, defendemos que com a chegada da ferrovia, não somente mercadorias passaram a circular, mas, a possibilidade de organização dos trabalhadores na defesa dos seus direitos, é também facilitada pelo intercâmbio de pessoas e idéias

⁷ Cf. MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁸ ARAÚJO, Raimundo Alves de. *Ipu: a seca e o progresso (1915-1932)*. Monografia de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. Sobral-CE, 2007, p.12.

⁹ OLIVEIRA, André Frota de. *A Estrada de Ferro de Sobral*. Fortaleza: Ed. Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1994, p.35.

através das ferrovias. Na *cidade vermelha* que vem se constituir Camocim por sua intensa propaganda do ideário comunista no interior do estado, principalmente entre os anos 1930 a 1950, mais de oitenta por cento dos seus funcionários são simpatizantes ou filiados ao PCB local.¹⁰

Em Ipu, o advento da chegada do trem implicaria não apenas em dotar a cidade de uma infra-estrutura que possibilitasse sua inserção na “dinâmica do mercado capitalista mundial”, no sentido de incrementar a “produção algodoeira da região”, o produto de exportação de maior brilho daquele momento.¹¹ Com o trem viriam também os mecanismos de defesa da ordem social e de seu questionamento, representado por pessoas e instituições com todas suas cargas ideológicas.

A militância do partido comunista, portanto, vai atuar no questionamento dessa lógica capitalista do trabalho. Seu raio de ação será basicamente desenvolver junto ao operariado as condições para que o mesmo se perceba como um elemento importante e vital dessa engrenagem. A defesa de direitos e de velhas bandeiras de lutas que tem sua origem desde a segunda metade do século XIX, como a redução da jornada de trabalho, a melhoria das condições de trabalho e salário justo se transformam, portanto, no breviário de benesses que o partido prega aos trabalhadores.

Portanto, como idéia, a pregação comunista atuará em duas frentes para definir sua própria essência: inicialmente será o movimento político da crescente classe operária após a Revolução Industrial dentro do capitalismo, para depois se configurar como sendo a sociedade criada pela classe trabalhadora em permanente luta contra os setores dominantes da sociedade capitalista.¹² Em outras palavras, era a propalada luta de classes definindo toda a dinâmica histórica. Com efeito, será nos grandes centros operários que estas idéias serão melhor recebidas e refutadas.

Contudo, em lugares onde o chão da fábrica não se configurou como importante, (no caso de Ipu, por exemplo) o vigor e o temor de um inimigo vermelho que rondava corpos e mentes, tomou proporções dignas da atenção do historiador, no

¹⁰ Para saber mais sobre a temática, ver: SANTOS, Carlos Augusto P. dos. *Cidade Vermelha: a militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE (1927-1950)*. Fortaleza-CE: NUDOC/UFC, 2007. Coleção Mundos do Trabalho.

¹¹ ARAÚJO, Raimundo Alves de. *Op.cit.*, p.12.

¹² Para essa discussão, Cf: BOTTOMORE, Tom. (Ed.) *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

sentido de recuperar os significados desse embate ideológico que pretendeu, cada um a seu modo, Igreja e partido político, agremiarem os trabalhadores em torno de suas lideranças e instituições.

Os embates ideológicos em torno do trabalho na “cidade sagrada”.

Em Ipu, este cenário de confrontos estudado pelo historiador Francisco Petrônio Peres Lima ¹³ se estabeleceu num período de intensa atividade política que marcou o país, onde as bases da chamada República Velha estavam sendo firmemente questionados por grupos opositores, redundando no estabelecimento da Revolução de 1930, passando pelo Estado Novo, indo até a Redemocratização em 1946.

Desta forma, o olhar vigilante da Igreja em Ipu sob a liderança de Pe. Cauby é uma resposta à propagação das idéias comunistas e/ou socialistas que tem na Diocese de Sobral, sob a batuta de D. José Tupinambá da Frota e seus fiéis seguidores, como Monsenhor Sabino Loyola, o centro irradiador do anticomunismo. Francisco Petrônio Peres Lima afirma que é a partir da Estrada de Ferro que “Ipu começa a inserir-se ao lado de Camocim, Granja e Sobral dentro de um processo significativo de mudanças efetivas e sociais no espaço de trabalho”. ¹⁴

Neste sentido, a igreja como instituição ordenadora da sociedade, passa a desenvolver várias iniciativas junto ao seu público leigo, operários e população em geral visando inculcar uma pedagogia de reforço à fé, a moralidade dos costumes contra o *perigo vermelho*. São as *hostes brancas* representadas pelas Conferências Vicentinas, Congregação Mariana, Círculos Operários, Comitês Anti-Comunistas, dentre outras associações piás a desenvolver atividades de assistência social e espiritual, verdadeiras cruzadas chamadas de *Semanas Sociais*, amplamente divulgadas pelo semanário católico *Correio da Semana*, editado em Sobral, desde 1918. Os resultados dessas semanas, com os números de conversões de antigos fiéis do *credo de Moscou*, era uma estratégia da Igreja no intuito de barrar o avanço das propostas comunistas.

Mesmo admitindo que a militância comunista em Ipu não tenha tido uma penetração significativa nos espaços do trabalho, como em outras cidades como

¹³ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*

¹⁴ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.59.

Camocim, Sobral ou Crateús, Petrônio Lima chama a atuação de “supostos simpatizantes que circulavam na Estação Ferroviária e, conseqüentemente mantinham contato com os demais camaradas residentes na cidade”.¹⁵ Esse contato entre militantes através da via férrea foi realçada várias vezes por depoentes quando de nossa pesquisa sobre a militância comunista em Camocim, como um dos fatores que facilitavam a comunicação entre eles, levando recados, distribuindo material de propaganda, reforçando as bases eleitorais.

Por outro lado, essa aparente fraqueza do PCB na cidade de Ipu é contabilizada à eficiente atuação da elite católica local formada por comerciantes e pessoas influentes engajadas nas instituições de inspiração conservadora como o Círculo Operário Católico. Como bem coloca a historiadora Jesse Jane Vieira de Sousa, o circulismo faz parte de um “projeto teológico-político da Igreja Católica no Brasil, a partir de 1932 (...) no contexto trabalhista e na conjuntura do processo de desenvolvimento urbano industrial”.¹⁶ Daí que, para entendermos o papel do Círculo Operário em Ipu é necessário se perceber como a Igreja se relaciona com o aparato estatal na condução de uma política que quer mostrar uma cidade sem conflitos ou mesmo “sagrada”.

Nesta perspectiva, percebemos que o combate ao pretense inimigo vermelho, dá-se não somente em refutar qualquer ação de algum simpatizante ou iniciativa no campo da agremiação política dos trabalhadores, mas, parece também em reforçar um discurso simplificador de uma cidade que não queria ou não se aceitava ser “manchada de vermelha”, para usar um termo cunhado por Petrônio Lima.¹⁷ É necessário não perdermos de vista a provável ação efetiva do Círculo Operário no movimento social do trabalho dentro do que se convencionou chamar de catolicismo social. Essas ações, arriscamos dizer, justificariam por parte deste atores os acontecimentos contra o comunista Hugo Madureira, liderados por Pe. Cauby e seus fiéis, que retomaremos mais à frente.

Daí, que sob a orientação de Padre Cauby, uma série de ações desenvolvidas no âmbito de associações pias irão fomentar esse desejo de alijar o inimigo da cena cidadina. Fruto de uma política estratégica de contrapropaganda dos ideais comunistas,

¹⁵ Idem, p.61-2.

¹⁶ SOUSA, Jesse Jane Vieira de. *Op. cit.*, p.21.

¹⁷ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.63.

os Círculos Operários na Zona Norte do Estado do Ceará, como em outros centros do país, irão centrar sua atenção junto à classe trabalhadora e fiéis em geral no sentido de conter a infiltração de comunistas entre os trabalhadores seja nas cidades ou na zona rural.

Percebe-se no afã de Padre Cauby, cercar por todos os lados os trabalhadores ipuenses com a criação de entidades pias que levassem uma mensagem de reforço à fé e princípios católicos. Não somente o Círculo Operário irá atuar nesta perspectiva de manter uma cidade “sagrada” e formar um trabalhador do tipo ideal nas fileiras do cristianismo, livre das peias do comunismo. Contando com o apoio dos “agentes comerciais” da cidade, representados por uma elite que se destacava na condução dos destinos e dos eflúvios progressistas que a cidade experimentava, o líder católico esteve à frente de outros projetos de entidades com o mesmo objetivo dos círculos operários, como a Congregação de Moços Marianos e a Sociedade São Vicente de Paula.

Além de Padre Cauby, que com sua juventude desempenhava a contento as missões pastorais de que era incumbido, com relação às Conferências Vicentinas, a documentação traz o Monsenhor Gonçalo Lima como “guia espiritual da família vicentina”.¹⁸ Como se sabe, o ideal vicentino é fundado nas obras de caridade. Desta forma, a presença desse tipo de entidade tinha como meta atuar em obras assistenciais junto aos mais necessitados. Em outros lugares, como a cidade de Camocim, a presença da Sociedade São Vicente de Paula se dava junto aos trabalhadores que também eram assediados pelos comunistas. Geralmente, após uma cruzada espiritual de conversão de ovelhas desgarradas dentro da programação das chamadas Semanas Sociais, os vicentinos distribuíam alimentos, roupas e remédios. Em Camocim foi fundado até um posto ambulatorial para socorro de doentes.

Outras ações, no entanto, faziam parte do leque de atividades dos vicentinos. O jornal Correio da Semana, por exemplo, traz notícias sobre a distribuição de bolsas de estudos:

“O Conselho Central Vicentino da Diocese de Sobral, acaba de realizar uma Obra, fazendo entrega em princípio de Janeiro do corrente ano, de 20.000,00 para constituir uma Bolsa de Estudos. Dando a notícia desse acontecimento tem

¹⁸ Cf. Revista dos Municípios. Fortaleza: Typographia Urânia. Edição dedicada ao município de Ipu, p.42.

o propósito de fazer chegar ao conhecimento daqueles que contribuíram para a grande obra que levaram a efeito”.¹⁹

A Sociedade São Vicente de Paula se estruturava em torno de conferências, expediente usado até hoje. Em Ipu, a Conferência de São Sebastião surge muito antes desse combate ao comunismo, no ano de 1915. Dois anos depois é fundada a Conferência de São Gonçalo. Em 1917 seria a vez da fundação da Conferência Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, já com a filosofia de combater o “perigo vermelho” que assombrava o mundo a partir da Revolução Russa. No esteio dos acontecimentos, o surgimento da Conferência Nossa Senhora do Desterro em 1922, está sintonizada com a chegada do ideário comunista no Brasil, através da fundação do PCB em março daquele ano.

Como nos diz Petrônio Lima, a Sociedade São Vicente de Paula em Ipu “aglutinava boa parte dos setores mais conservadores, passando a ser um elo entre os homens de negócio e o poder divino”.²⁰ Essa aliança, digamos assim, satisfazia aos anseios tanto da Igreja como dos comerciantes na tentativa de controlar as mentes e manter a ordem.

A elaboração deste discurso de cidade sagrada surge como afirmação desse embate, mesmo que o inimigo não se apresente de forma significativa, como na cidade de Ipu. Por outro lado, a presença de indícios de uma possível atuação comunista através de contatos entre companheiros ferroviários na Estação ou a concreta existência da Liga dos Trabalhadores, deixam a cruzada anticomunista, capitaneada por Pe. Cauby em constante posição de alerta, a ponto de colocar o embate em posição de extrema antítese: **“Entrego meu peito à bala, mas não entrego o Ipu ao Madureira”**. O padre então preferia a morte do que ver sua cidade entregue a um comunista. Descontada a ênfase da construção da frase como a justificar a mobilização dos católicos contra o comunista que precisava ser expulso “daqui de qualquer jeito... e realmente isso aconteceu”,²¹ pode se perceber a superestimação que o padre faz do trabalho do coletor federal Hugo Madureira. Ou era medo mesmo?

¹⁹ Cf. Jornal “Correio da Semana”. Sobral, 25 de fevereiro de 1946.

²⁰ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.31.

²¹ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.77.

Outros padres usaram esses recursos estilísticos com recorrência ao termo “bala” sugerindo a violência do embate. Ao entrevistar o Pe. Sabino Loyola em Sobral, o mesmo nos disse que nos comícios realizados na cidade de Camocim durante as Semanas Sociais, costumava dizer que não tinha medo das balas comunistas colocando a mão no próprio peito fazendo-o de alvo. Ainda no Ceará, no contexto das eleições de 1946, a passagem do então escritor Jorge Amado em caravana pela cidade de Itapajé com intuito de realizar um comício do PCB, foi marcada por intenso quebra-quebra promovido por católicos liderados pelo Padre Paulo, expulsando os inimigos vermelhos.²² Outros incidentes dessa natureza ocorreram em Sobral e Crateús. Qualquer semelhança com Ipu não foi mera coincidência.

Como se pode perceber, essa noção do inimigo vai se construindo continuamente nos conflitos. Para isso, a chegada dessa noção até nós se dá pela memória, assim como pela imprensa. Neste sentido, o *Correio da Semana*, editado em Sobral, assim como *O Democrata*, em Fortaleza, travarão intensa e interessante guerra discursiva, cada um a defender suas cores. Com uma distribuição mais uniforme e valendo-se do aparato das paróquias, o jornal católico, portanto, terá uma maior circulação e, evidentemente uma maior importância para a construção do inimigo. Vale salientar que o termo “comunismo” ou “comunista”, naquele momento não era dado apenas a quem professava tal ideologia. Conforme reflete Bethania Mariani,

... o fato é que o uso da palavra ‘comunismo’ nos jornais, ao longo dos anos, para além de significar uma ideologia, passou a determinar um sentido que, como já dissemos, é sempre negativo. Hegemonicamente, a produção de sentidos para ‘comunista’ gira em torno de ‘inimigo’, o outro indesejável. (...) A denominação ‘comunista’, então, passa a corresponder a sujeitos cuja identidade e modo de agir já se encontram previamente significados em termos sócio-históricos.²³

²² Para este episódio, Cf: MARINHO, Luciana Albano. *A Convivência entre Católicos e Evangélicos Pentecostais nas décadas de 1940*. Monografia do Curso de Especialização em Teoria e Metodologia da História. UVA. 2008. Para saber mais sobre os embates entre católicos e comunistas nas eleições de 1946 no Ceará, Cf: NOCA, Francisco Wilson. *Sermões, Matracas e Alcatrão: religiosos e comunistas na luta pelo poder. 1946-1950*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 1996.

²³ MARIANI, Bethania. *O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro; REVAN; Campinas, SP. UNICAMP, 1998, p.107-8.

A partir desse enunciado, passaremos a analisar a trajetória do inimigo, do indesejável, personificado na figura do coletor federal Hugo Madureira. Essa construção do inimigo que ronda a cidade, contudo, não será apenas através dos jornais, mas, da oratória dirigida pelo Padre Cauby ao funcionário público que chega de fora, ousa esclarecer trabalhadores e efetivamente desenvolve seu trabalho sob os pilares de uma Liga dos Trabalhadores do Ipu. Os detalhes da chegada desse personagem na cidade já estão bem colocados no trabalho de Francisco Petrônio Peres Lima aqui já referido. Interessa-nos, portanto, refletir sobre sua atuação política.

Apesar dos relatos orais darem conta de que sua presença na cidade foi devida a uma transferência por conta de suas atividades políticas no sul do país, Madureira era gaúcho, temos que pensar que o período em que o mesmo atua na cidade, entre 1943 a 1946, havia certa flexibilidade de atuação política (criação de sindicatos, associações e imprensa comunista). Não seria impensável se o mesmo estivesse em missão de organização das bases do partido no Ceará. Sintomático é a presença dele em Camocim, então já cognominada de *Cidade Vermelha*, desenvolvendo atividades políticas, como denuncia o jornal Correio da Semana. A própria criação da Liga dos Trabalhadores do Ipu ao lado da Igreja da Matriz de São Sebastião, assim como o prestígio por ele angariado na cidade, revelam uma certa tolerância. Até então, ele ainda não era o inimigo.

A estratégia de Madureira, por outro lado, em criar uma escola (escrituração mercantil) é uma recorrência em outros lugares. Em Camocim, o fundador do partido Francisco Theodoro Rodrigues é um professor que funda uma escola preparando os rapazes para atuarem no comércio. Após serem reveladas as inclinações políticas do professor, as famílias abastadas retiram seus filhos e o mesmo passa a ter somente filhos de operários. Neste sentido, a escola serve como aproximação do professor com a dita sociedade para depois ser o motivo de sua execração. No caso de Madureira, segundo João Mouzart da Silva: “A escola era apenas um meio de disfarçar seus ideais nocivos à religião católica”.²⁴

De qualquer forma, o poder de convencimento destes líderes é espantoso para as circunstâncias. Francisco Theodoro consegue editar um jornal em Camocim, chamado

²⁴ MOUZART, João da Silva. *Ipu do meu xodó*. Memórias. Fortaleza: Nacional, 2005, p.135, In: LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.68.

“O Operário”, com dístico da foice e do martelo encimado, organiza sindicatos e incentiva uma representação política operária na Câmara Municipal. Madureira faz uma parábola inversa do mito bíblico do pecado para convencer seus ouvintes sobre a exploração dos pobres no trabalho, ainda retida na memória do Sr. Irismar Mourão: “Quando Adão pecou no paraíso, eu nunca esqueci disso! (...) ele estabeleceu um castigo para o homem (...) E o homem ganhar o pão com o suor de seu rosto, mas atualmente os homens vivem ganhando com o suor do rosto dos pobres (...)”.²⁵ São os comunistas atuando nos espaços de trabalho, Francisco Theodoro nas oficinas da ferrovia em Camocim, Madureira na Liga dos Trabalhadores em Ipu.

Os religiosos, no entanto, reagem a esta ousadia. As armas e estratégias, no caso ipuense, já nos referimos, foram melhor aprofundadas no trabalho de Petrônio Lima. Como sugestão fica o desafio de se aprofundar a pesquisa no sentido de captar mais ainda os vários sentidos desse embate: a influência de toda a estrutura que o catolicismo social porventura tenha instalado em Ipu, não somente a atuação do Círculo Operário, mas das outras associações congêneres; os rastros, indícios e marcas deixadas por Madureira e outros ditos comunistas nos espaços do trabalho e que ousaram cultivar uma outra idéia naquela conjuntura e a participação de membros da elite comercial da cidade nestas agremiações.

À guisa de conclusão: o triunfo sobre o “perigo vermelho”.

Enfim, num instante em que a tolerância e o respeito às diferenças são bandeiras daqueles que pensam num outro mundo possível, mas, mergulhados nos tempos conturbados que vivemos, fica a reflexão do episódio que marca a expulsão de Hugo Madureira, do elemento estranho à comuna que quer “manchar a cidade de vermelho”, o intolerável. Recorremos às fontes locais para mostrar dois posicionamentos do mesmo fato. A oralidade que permeia o depoimento do Sr. Irismar Mourão diz-nos que,

(...) Hugo Madureira realizava, como todas as noites, mais uma reunião da Liga Trabalhista do Ipu, com boa participação (...). Padre Cauby para lá se dirigiu, chefiando o mesmo grupo que havia convocado para a Igreja (...) até que, em

²⁵ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.70.

dado momento, aconteceu o inesperado. Começou uma verdadeira chuva de pedras, atingindo telhado, paredes, portas e janelas do prédio da Liga, atiradas pelos católicos a mando do Padre Cauby. Quando os integrantes da Liga foram à rua para ver o que acontecia, a vaia comeu de esmola.²⁶

Na oficialidade do documento da Igreja, Monsenhor Gonçalo de Oliveira anotaria no Livro de Tombo de 1946 suas impressões sobre o acontecimento que envolvera seu vigário cooperador e os combativos fiéis devotos de São Sebastião:

Pareceu um ato selvagem, mas foi uma lição conveniente, uma repulsa digna de católicos às direitas, cujo exemplo foi imitado no mês seguinte em Crateús. Padre Cauby, que viajava para Fortaleza, a 25, teve ao regressar no dia 30, uma recepção estrondosa, em desagravo e reparação aos insultos da canalha comunista.²⁷

Levando-se em conta a parcialidade dos documentos e as motivações, os espaços e os tempos em que os mesmos foram produzidos, tiremos nossas conclusões.

²⁶ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.69.

²⁷ LIMA, Francisco Petrônio Peres. *Op. cit.*, p.74.